

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAES
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GOTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paroquialha, 20

1865





ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Architectura em Portugal: *Elogio Historico de João Frederico Ludovici*, por I. de Vilhena Barbosa. (Continuação.) — **Decoração:** *Novas salas no real paço d'Ajuda*; por J. da Silva. (Continuação.) — **Architectura:** *Historia resumida da architectura*; por J. da Costa Sequeira. (Continuação.) — **Hygiene:** *Considerações geraes acerca dos banhos publicos em Portugal*; por Francisco José de Almeida. — **Esthetica:** por J. da Silva. — **Construção:** Projecto para uma casa de banhos publicos; por J. da Silva. — **Associação dos architectos civis portuguezes:** por P. J. Ferreira da Costa. — **Boletim do trimestre:** Janeiro a março, 1866. — **Explicação da estampa do presente numero.**

ARCHITECTURA EM PORTUGAL

ELOGIO HISTORICO

DE

JOÃO FREDERICO LUDOVICI ¹

N'este merecimento, que se tornou a feição predominante das mais obras executadas por este architecto, encerra-se o grande serviço por elle prestado á architectura portugueza, pois que era exactamente pela negação d'aquellas condições, como ha pouco diligencieiei mostrar, que ella havia chegado a tão deploravel estado de decadencia.

Foi a este respeito que lhe chamei innovador, e fundador de uma nova escola em Portugal.

Ludovici não plantou n'esta terra o bom gosto nas artes. Não podia fazel-o por mais apurado que o tivesse. Mas introduziu e estabeleceu as boas regras da architectura classica, isto é, as regras fundamentais e por este facto foi para nós um legislador da arte.

Deixarei agora de apreciar o artista e os seus serviços em relação ao estado do nosso paiz, para o considerar relativamente ao movimento artistico das nações mais adiantadas.

A architectura do renascimento teve, como todas as creações do homem, a sua época de prosperidade e de decadencia. Elevaram-n'a ao zenith da sua gloria Bramanti, Peruzzi, Sangallo, Miguel Angelo, Vignola, e Palladio. A morte de Miguel Angelo, e o acabamento da cupula de S. Pedro em Roma, são os marcos que assignalam o começo da sua decadencia, cuja responsabilidade é lançada sobre os hombros dos trez distinctos architectos italianos, Bernini, Borromini, e Pozzo, e mais especialmente sobre o primeiro, pelas phantazias que tiveram, e pelas liberdades que tomaram. Entretanto ninguém lhes nega logar entre os grandes architectos da Italia.

Foram as obras d'estes artistas que serviram de estudo a Ludovici. Comtudo, fazendo-se sectario do seu estylo, modificou-lhe o excesso das liberdades. Este facto em uma época em que os no-

mes d'aquelles trez artistas, e sobretudo o de Bernini, ainda exerciam illimitada influencia nos artistas, principalmente na Italia, honra muito, sem duvida, a Ludovici.

D'este estylo modificado saiu o palacio de Mafra. Quem visitar e analysar despreoccupadamente este edificio, ha de convir que apezar das observações que fiz quanto á sua significação moral, quadra com justiça ao seu auctor o titulo de grande architecto, abstraindo mesmo do nome do paiz em que se ergue o monumento.

As regras fundamentaes da arte de construir, que ali se guardam, estão reunidas outras condições de muita valia, que só em minucioso exame se podem relatar. Direi sómente que d'entre ellas sobresaem as que dizem respeito á magnificencia do templo, e ao porte magestoso da sua cupula e torres.

Em quanto cresciam as paredes do edificio de Mafra, delineava Ludovici a nova porta para a capella real, elevada pouco antes á preeminencia de patriarchal; traçava e dirigia as novas capellas môres da igreja de S. Domingos, em Lisboa, e da Sé d'Evora; edificava a sua casa nobre em S. Pedro d'Alcantra, defronte da calçada da Gloria; a sua casa de campo na quinta d'Alfarrobeira, e outras obras mais em que ia estampando e generalizando o mesmo typo de architectura.

O terremoto de 1755 destruiu a Patriarchal, mas deixando de pé a porta e a grande janella que a coroava, foram estas cedidas por el-rei D. José I para as obras da reedificação da egreja de S. Domingos, onde as vemos agora, servindo de principal ornamento da fachada da igreja. Terá por ventura algum outro templo da capital uma porta e janella, que revellem tanta grandeza e magestade, e tão harmoniosa combinação? Persuado-me que não.

A capella môr d'esta igreja, ou direi antes o altar-môr, feito poucos annos antes do terremoto, foi poupado por este cataclismo. Quem o observar com attenção reconhecerá, que é um dos mais bellos e mais ricos de Lisboa.

A capella môr da Sé d'Evora é, d'entre estas obras o seu maior brazão. Nenhuma outra do reino a iguala na riqueza dos marmores, na magnificencia dos ornamentos, na perfeição de algumas das esculpturas, e na perspectiva agradavel e grandiosa que apresenta.

A casa de S. Pedro d'Alcantra lá se conserva, com pequenas al-

¹ Continuado do n.º 3, col. 33.

terações do risco primitivo, para dar testemunho da verdade das opiniões que emitto. O architecto apenas quiz construir uma casa nobre, mas deu-lhe tão boas proporções e tanta nobreza no portal e nos tres andares superiores, que bem as desejariam e precisavam para si, quasi todos os palacios d'esta cidade. O mesmo digo da casa de campo da Alfarrobeira, e da sua formosa ermida.

Não era este artista sómente architecto distincto, mas igualmente modelava com perfeição, e do mesmo modo esculpia em prata e outros metaes.

Tambem á sua proficiencia n'este ramo da arte deve a escultura em pedra importantes serviços, porque não foi só Alexandre Giusti, o celebre escultor da capella de S. João Baptista, quem a aperfeioou, e fez florir. Ao passo que Ludovici dirigia a escola d'architectura, chamada casa do risco, que foi creada junto ás obras de Mafra, visitava assiduamente a escola de escultura, a que presidia Giusti, animando os alumnos, aconselhando-os, e mesmo mostrando-lhes o caminho da perfeição, com tanta intelligencia, bom gosto e zelo como se fôra elle o professor a quem estivesse confiado o encargo de crear a escola, e restaurar este ramo da arte entre nós.

Ludovici passou a segundas nupcias em Lisboa, no anno de 1720 com D. Anna Maria Verney, de quem teve seis filhos. Dois d'estes seguiram a profissão de seu pae; Caetano Ludovici, que morreu aos 27 annos, quando o seu talento lhe promettia um brilhante futuro; e João Pedro Ludovici, bacharel em canones pela universidade de Coimbra, que substituiu por vezes seu pae mui dignamente na direcção das obras de Mafra.

Falleceu João Frederico Ludovici em janeiro de 1752, contando mais de 80 annos. Ainda hoje existem em Lisboa alguns seus descendentes. A amenidade do seu trato, a delicadeza das suas maneiras, e a presença agradável de que era dotado, fizeram-no bemquisto de grandes e pequenos.

El-rei D. João V que desejava do fundo do coração o esplendor das artes, e que se esforçou para o conseguir, sabia que em taes assumptos todo o esforço é nullo, quando não vem o premio physico e moral estimular os artistas. Como rei, a quem a posteridade concedeu os epithetos de magnanimo e protector das artes, cobriu de honras e encheu de riquezas o artista benemerito, que levantára em Portugal a architectura e a escultura da prostração vergonhosa em que jaziam.

Tambem el-rei D. José I em dezembro de 1750, apenas alguns mezes depois de empunhar o sceptro, o remunerou, fazendo-o architecto mór do reino com patente, soldo, e graduação de brigadeiro d'infanteria, na primeira plana da corte, e declarando no decreto que lhe fazia esta mercê *pela grande capacidade com que servira por tempo de 43 annos ao senhor rei D. João V desempenhando e fazendo modelos com tal acerto, que, executados, deixam bem ver a magnificencia de quem os mandára pôr em execução; e instruindo os operarios empregados em taes obras com tanto zelo, que á sua doutrina se deve o grande adiantamento em que se acham as artes n'estes reinos.*

Esta nomeação feita ao artista octogenario, já não era um pedido dos seus serviços. Tinha outra significação mais nobre e mais elevada. Era o galardão desinteressado concedido ao merito. Era a corôa de louros com que o representante coroado de um povo agradecido cingia a fronte do artista na sua despedida do mundo. Era emfim, a luz da gloria projectando esplendores sobre uma campa ainda vazia, e ao mesmo tempo illuminando o caminho aos novos adeptos para o templo das artes.

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

DECORAÇÃO

NOVAS SALAS NO REAL PAÇO DA AJUDA ¹

As paredes estão desde a architrave até ao soco, na altura de 4^m38^e, igualmente forradas com laminas de agatha; e para fazer realçar esta linda pedra calcedonia, os alisares das janellas e os so-

¹ Continuado do n.º 3, col. 42.

cos são da mesma qualidade do marmore portuguez empregado no entablamento. Um arco com archivolta de agatha divide o meio da parede principal, e separa este vestibulo dos aposentos de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz; o arco fecha-se com uma porta de crystal em toda a sua altura, que se abre por meio de corrediças, ficando a porta escondida por detraz do marmore.

A superficie revestida pelas laminas de agatha é de 175 metros quadrados! O chão é tambem coberto de marmores portuguezes, formando mosaico, estando imbutidos nos cantos dos exagonos e dos rhombos que os separam, outros exagonos mais pequenos, e circulos de agatha, que accusando o material empregado nas paredes e no tecto, fazem destacar melhor o xadrez do chão. Por esta fórma se aproveitaram os fragmentos de valor, que haviam ficado dos côrtes feitos nas pedras pertencentes ao tecto. Uma porta falsa formada de uma lage inteiriça de agatha, fecha e abre por meio de um pedal, que escondido por baixo do mosaico em certo sitio no chão a abre, e as molas em espiral a empurram para se poder sair.

No centro da casa ha um repucho tendo uma bacia sobre pedestal, com um grupo de delfins deitando a agua, e é arrematado por dois genios feitos de marmore de Carrara. O murmurio constante da queda das aguas no tanque, o polido das paredes fazendo avivar as suas caprichosas ondulações e as manchas da agatha, o feitio engenhoso do tecto reflectindo pelo seu proprio brilho o luzido das paredes, tudo faz lembrar uma d'essas salas orientaes, em que o clima abraçador requer refrigerio. A idéa do maravilhoso, que tanto captiva a imaginação dos seus habitantes, existe na difficil construcção da sala. Tudo ali convida a gosar a doçura da vida que se alcança pela opulencia, e nada falta que suavise a existencia e deleite a vida.

Completam os adornos d'esta mesma sala canapés de bambú dourados, um lustre e candelabros dourados. Em um dos angulos vê-se um arrendado caramanchão dourado, tendo a fórma de um quarto de circulo, convidando a repousar sobre sofás para disfructar o conjunto de tantos attractivos; a riqueza da vistosa sala, o aroma das flores, a linda vista do Tejo sobre o qual se cruzam navios de todas as nações, limitando este quadro encantador as collinas da outra-banda, que este rio afamado separa da cidade de Lisboa.

Passaremos a visitar a casa de fumar para uso de sua magestade el-rei. Fica do lado do nascente da sala de agatha, e não é o seu tamanho que causa admiração, pois tem o espaço necessario para o que foi destinada; mas o que mais se admira é a escolha de seus adornos, a boa collocação d'elles, e o aprimorado dos objectos que encerra. Este gabinete tem as guarnições das portas, tecto, cornija, socos, molduras dos paineis e toda a sua mobilia feita de obra de talha em madeira de carvalho da America do norte. Já aqui se observa outro estylo, apresentando as fórmas dadas á configuração do tecto, ás molduras, ao feitio dos moveis, etc., o character proprio da architectura. O tecto é formado por compartimentos quadrados, os quaes divididos por molduras salientes, dão fundo a esses espaços quadrados, imitando o feitio dos tectos usados no xv seculo. Uma sanca formando um angulo obtuso com a linha do tecto é dividida por almofadas oitavadas, ornadas nos centros com obra de talha, representando em umas as popas e prôas dos navios de guerra, em que sua magestade o sr. D. Luiz embarcou como commandante, e em outras, aquellas que foram lançadas ao mar no seu reinado, e tambem aquellas em que se dignou pregar a cavilha mestra. Nas cabeceiras das pôpas apparecem esculpidas as iniciaes dos nomes dos navios, havendo entre estes modelos de construcção naval, o escudo real no centro de duas ancoras.

O friso do entablamento é curvilíneo e está cheio de obra de talha. As paredes d'este gabinete estão ornadas com quatro quadros representando os vapores de guerra portuguezes de maior lote, pintados a oleo pelo artista portuguez, o sr. Pedroso. Entre elles avulta o vapor *Bartholomeu Dias*, na occasião em que luctou contra uma grande tempestade na sua volta de Costa d'Africa. O soalho d'esta casa é de embutidos com madeiras de côres, de bonito gosto e excellente trabalho. Nota-se aqui outro grande arco, aberto novamente na parede mestra, e que serve de janella, tendo um vidro fixo de

crystal, para se poder gosar a vista da sala destinada para sua magestade el-rei receber. O espaço entre a grossura d'esta parede serve de tremó, estando guarnecido de diversos objectos feitos com a mesma qualidade de madeira, porém todos arrendados de muito primoroso trabalho, e escolhidos com apurado gosto. O tom escuro da madeira dos ornatos e da mobilia, junto á côr verde da seda com que é forrada a casa, faz destacar convenientemente as duas outras salas, entre as quaes está collocado este gabinete, e contribue muito para produzirem melhor effeito, tanto a sala forrada de agatha, como a sala de seda azul, que vamos descrever.

Não havendo sala reservada para receber n'este andar as pessoas mais distinctas, suas magestades recebiam na sala do conselho de estado, que serve tambem para o despacho dos ministros. Mas nem sempre podia ser ali a recepção. Então servia a sala de espera, o que não era muito apropriado. Para não obrigar a el-rei ao incommodo de subir ao andar nobre, suas magestades reconheceram a necessidade de ter outra sala, que fosse apropriada para as recepções, e que tivesse uma decoração adequada a uma sala de paço e estivesse ornada no gosto moderno.

Para esse fim serve a sala azul, que é quadrada e de grandissima altura. Tinha o tecto estucado com pinturas a fresco, e dividido em quatro grandes painéis, representando figuras com cercaduras de claro escuro sobre fundo azuloio, porém notava-se com bastante estranheza haver uma sala em um palacio d'esta ordem sem ter cornija, pois a que havia era fingida, estando pintada sobre a parede. Parece incrível, mas é mais uma prova de mau gosto na decoração para ser registrada. Sobre as paredes d'esta casa tinham assentado um papel com tanto ouro em grandes padrões, que faziam morrer todas as bellas pinturas que el-rei possui, e que ornavam as paredes da mesma sala.

Foi determinado que este tecto tivesse ornatos em relevo para serem dourados, e que as paredes seriam forradas com lindissima seda azul, de que sua magestade a rainha havia dado a amostra; forro este que devia sempre ser empregado em uma sala do paço, e muito mais sendo ella destinada para recepção em dias que não fossem de grande gala.

Tem esta sala de elevação 9^m,67°, e o seu tecto é composto de quatro curvas elipticas, que ficam separadas entre si por arabescos, que nascendo da extremidade superior junto ao painel recto do centro do tecto, vem augmentando gradualmente para se ligarem com o magestoso ornato que gira em volta da sala e por cima da cornija em relevo, e parece pela sua fôrma sustentar a cupula da mesma sala. Os quatro lados do tecto estão ornados com cordões de fôrma circular, e pelo engraçado desenho das suas linhas curvas dão logar a formar espaços de um contorno pouco visto, dentro dos quaes ha ornatos em relevo e variados de fôrma. A cornija apresenta um genero novo na maneira como foi ornada, pois o quadrado da varanda, em lugar de ficar liso, conforme se pratica, tem lindos relevos alternados com outros ornatos, e não obstante terem lavor todas as principaes molduras, não ficou pesada esta cornija, visto que se soube combinar o dourado com o branco dos ornamentos, ficando tudo em harmonia n'esta decoração.

Continúa.

J. da S.

ARCHITECTURA

ESTUDOS DE ARCHITECTURA CIVIL ¹

Historia resumida da architectura

Os egypcios adoptaram um genero de architectura demasiado massica e pesada, desejando surprehender e maravilhar o mundo pelos disformes volumes de suas construcções, imprimindo-lhes fôrmas as mais destituidas de elegancia e de belleza. Os gregos pelo contrario, imaginaram e executaram nos seus edificios decorações

elegantes, esbeltas e graciosas, procurando fazel-as brilhar pela pureza dos contornos e dos engraçados perfis. O gosto do *bello* tinha chegado ao requinte da perfeição no reinado de Pericles, quatro séculos e meio antes da era vulgar: conservou-se no mesmo apuro até ao imperio de Alexandre Macedonio, chegando a diffundir-se e propagar-se por muitas regiões da Asia, e do mesmo Egypto. Os romanos nos derradeiros annos da republica adoptaram a architectura grega, empregando-a appropriadamente e com magestosa graça: no dominio de Augusto, quasi que as suas imitações emparelhavam com os magníficos originaes d'onde haviam sido copiadas.

Todavia, encontram-se nos mais sumptuosos monumentos d'aquellas gloriosas épocas sobejas provas de que a architectura, apesar dos consideraveis esforços empregados para a aperfeiçoarem e engrandecerem, não se tinha ainda subordinado ao imperio da razão, do bom senso, e do gosto.

Os inventores de qualquer arte ou descoberta util e importante têm de vencer insuperaveis difficuldades, antes que consigam ver, depurar as suas obras dos defeitos e imperfeições que por muito tempo não conhecem nem sabem descobrir n'ellas. As mais engenhosas creações do espirito humano, costumam sempre ficar paralisadas e estacionarias por longo tempo; e os seus progressos e optimos resultados, que nas primeiras impressões se julgavam consequentes e rapidos, apenas se conseguem e adquirem com muito custo, e pela diuturnidade e o poderoso effeito do tempo. Que cousa se julgaria mais facil e prompta do que a invenção da imprensa, depois de se ter descoberto e praticado a do cunho das medalhas? E todavia, o mais maravilhoso e util dos processos só veio a descobrir-se passado longo periodo!.. Os descobridores dos grandes inventos attrahidos, deslumbrados, e entretidos com as suas novas produções, não podem encara-las sem preocupação, nem discriminar o que ellas têm de bom e de máo: tudo applaudem e approvam de bom grado, sem uma vez sequer lhes vir á idéa, que algumas das partes das suas obras possam ser deficientes, ou imperfeitas, carecendo por tanto de aperfeiçoamento e rectificação.

Taes foram sem duvida os motivos porque os gregos, e depois d'elles os romanos, não poderam transmittir-nos uma architectura absolutamente util e perfeita.

Depois das primeiras vantagens e progressos que obtiveram, seria muito para desejar que alguns sensiveis e evidentes melhoramentos, alcançados á custa de uma serie de meditadas e prudentes reflexões, feitas sem enthusiasmo, e, por assim o dizermos, a sangue frio, conseguissem expurgar e corrigir inteiramente as imperfeições de suas obras, pondo-as a coberto da critica rasoavel, cordata, e imparcial; e impedindo por consequencia, que a celebridade que por meio d'ellas desejavam adquirir, não podesse ser contestada, nem desse cabida ao erro, para que este não podesse jámais usurpar a auctoridade dos sãos principios, fundados na philosophia, na razão e na verdade.

Aconteceu infelizmente o contrario. Os successores de Vitruvio, architecto de Augusto, partilharam a sorte e o destino de todos os imitadores, cujas obras, a maior parte das vezes, ficam sendo sempre muito inferiores ás que lhes serviram de modelos. Longe de se encaminharem para a perfeição, retrogradaram consideravelmente! e como a decadencia é muito mais accelerada e veloz do que o progresso, que apenas caminha a passos lentos, veio portanto a degenerar e a adulterar-se consideravelmente a architectura no tempo de Constantino, fundador da igreja do Salvador, e da primitiva basilica de S. Pedro em Roma. Esta sumptuosa arte quasi que perdeu de todo o seu grandioso character de magnificencia sob o imperio de Justiniano, o qual se jactou, todavia, de haver executado maravilhas na construcção do templo de Santa Sophia em Constantinopola; tornando-se quasi informe e monstruosa nas épocas subsequentes; até que o imperio romano passou a ser de todo invadido e avassallado pelos barbaros das regiões do norte.

Tres seculos depois, isto é, entre o x e xi seculo fez-se um geral esforço na Italia para se regenerarem as bellas artes, tirando-se d'aquelle estado de abatimento e corrupção em que jaziam; porém o resultado foi quasi nullo. Se até ali haviam adoptado uma archi-

¹ Continuação da col. 43 do 3.º numero.

itectura forte, pesada, e masculina; começaram depois a construir edificios ligeirissimos, da mais surprehendente e fragil delicadeza, denotando o grande arrojo e atrevimento de seus fabricantes. Tudo em semelhantes construcções era mechanicamente arrendado, perfurado e solto como a mais subtil e fragil filagrana: a maior parte dos novos edificios offereciam á vista uma apparencia inconsistente e fraca, sendo comtudo solidos e estaveis; como se deixa ver na cathedral de Paris, de Reims, de Chartres, e em tantos e tão diversos edificios ultramontanos, erigidos n'aquella época.

Este genero, denominado *gothico moderno*, é o de que ordinariamente se trata quando se falla em geral da architectura *gothica*.

Aconteceu porém, que n'aquellas idades viessem os arabes e os sarracenos invadir a Italia, a França e especialmente a Hespanha, dando logar a referida invasão, a que a pretendida architectura gothica fosse misturada com uma copiosa profusão de ornamentos e accessorios propriamente *mouriscos* e *arabescos*; os quaes se promoviam e promovem ainda a admiração e o pasmo dos apaixonados de galanterias e leviandades, desagradam e desgostam sobremaneira os conscienciosos amadores do que se póde considerar como o *bello classico*! O palacio do xerife de Marrocos, o de Granada, de Sevilha e de Toledo, etc., são todos d'este genero de architectura. Um systema de decoração tão phantastico e extravagante, denota absoluto esquecimento, ou o mais accintoso desprezo das ordens gregas, de um typo grandioso; baseava-se em principios e elementos absolutamente diversos, offerecendo caracteres disparatados diametralmente opostos ao bom gosto. A simples fantasia e leviandade do architecto bastaram para determinar, escolher, e auctorisar as fórmás, as proporções, e as decorações dos edificios. Para um constructor sobrepujar e vencer outro, bastava que o excedesse e se singularisasse pela novidade, pelo capricho, e o descommunal atrevimento de suas construcções!

Além dos mencionados generos de architectura, ainda se gerou outro, denominado *greco-moderno*, sendo introduzido pelos ultimos gregos dos seculos xiii e xiv, os quaes fizeram um amalga da estylo grego antigo com o arabesco, como se póde ainda observar na igreja de S. Marcos em Veneza, e em outros edificios da Italia, nos quaes as columnas, e os diversos membros e detalhes da architectura participam muito das fórmás e proporções do antigo.

No fim do seculo xv, a razão e a imaginação dos nossos semelhantes ficaram por longo espaço adormecidas e submersas n'um lethargo e amortecimento profundo... Chegou por fim o tempo em que após uma dezena de seculos de tão funesta e degradante somnolencia, revivesse e despertasse o espirito humano! Uma serie de circumstancias propicias e portentosas, taes como a decadencia do barbaro systema feudal, os notaveis progressos do commercio, a invenção da escripta, e, finalmente, a da imprensa, fizeram resurgir na Italia, a pár das sciencias e das artes liberaes, a severa e magestosa architectura antiga. Por uma maravilha sobrenatural e portentosa, as venerandas e augustas ruinas da antiga Roma nos conservaram as suas admiraveis reliquias, estas foram escrupulosamente exploradas, e investigadas: reconheceram-se de novo as suas bem combinadas e grandiosas proporções; concluindo-se e comprovando-se geralmente que um systema tão classico e maravilhoso devia antepor-se e preferir-se a qualquer outro frivolo e menos justificavel. Taes foram as circumstancias e as causas que assignalaram a época chamada do *Renascimento*.

Foi n'essa época que á architectura *greco-romana* succedeu outra informe, desproporcionada e extravagante, a qual vieram a denominar impropriamente architectura *gothica*; como se os godos tivessem sido por ventura os seus inventores ou introductores! Os godos, os vandalos, e os outros povos barbaros e incultos que invadiram a Italia, contribuíram tanto para adulterar e corromper o bom gosto das bellas artes n'aquelle ameno paiz, civilizado e artistico, quanto os tartaros na China, que por tantas vezes têm subjugado e invadido. Uma horda de selvagens quando escravisa e avassalla qualquer nação civilisada adopta quasi sempre os costumes que vem encontrar entre os individuos mais polidos e industriosos; porque, findas as lutas que precedem as invasões, depostas as armas, e acalmadas

que sejam as funestas paixões que as guerras costumam excitar, comecem a influir e a dominar as artes pacificas e agradaveis, cujo benefico influxo não póde desconhecer-se e desprezar-se por longo tempo; deixando-se necessariamente possuir pelos seus attractivos e doçuras, os proprios vencedores, para conseguirem d'esta arte disfructar melhor os resultados das conquistas e das victorias obtidas. E de facto, Theodorico rei dos godos, e depois dos italianos, deixando no seu paiz natal a fereza com que tinha imperado, excedeu muitos imperadores romanos, na magnanimidade, em heroismo, na civilisação e na justiça; construindo edificios notaveis em Ravena, em Pavia, e Verona, etc.; taes como palacios, thermas, aqueductos, amphitheatros, etc., conforme o gosto e o estylo que então predominava na Italia... É por consequencia especiosa e absurda a opinião que imputa aos godos todas as construcções defeituosas e disparatadas levantadas n'aquelle sólo. Os barbaros do norte não possuíam o mais tenue rudimento de architectura, para elles tanto valia a architectura boa como a má; imputaram-lhes a corrupção do bom gosto nas bellas-artes da Italia, como se os proprios italianos não tivessem creado entre si mesmos, tantos germens de corrupção. A sua orgulhosa soberba attribuiu aos estranhos aquella degenerada architectura que se originára e corrompera no seu proprio paiz, e por culpa de si mesmos, por terem desviado os olhos dos elegantes e formosos typos gregos, deixando-se apaixonar e attrair pela *variedade* futil e caprichosa!

Depois da invasão dos godos conservaram-se ainda por muito tempo os costumes romanos, relativamente á *construcção*, uma das tres importantes partes da architectura; quanto porém á *decoração*, já se tinha adulterado o bom gosto muitos annos antes da mencionada invasão; por que a maior parte dos architectos italianos, desprezadores esquecidos das bellas fórmás gregas, haviam-se dedicado á imitação das pinturas *grutescas*, tão reprovadas por Vitruvio, mas introduzidas por moda, e muito estimadas na Italia nas referidas épocas, pela futil rasão de serem antigas, e de entreterem o espirito da voluvel novidade. Sob o dominio dos longo-bardos aggravou-se consideravelmente este mal, e no tempo dos francos, e dos germanos, subiu tanto de ponto a inconsequente liberdade dos artistas, que no imperio de Carlos Magno, já não faziam escolha de fórmás, nem de ornamentos apropriados e caracteristicos: ainda se importavam menos com a bem entendida combinação das proporções, e com a coherencia e propriedade dos detalhes e accessorios: tudo foi miseravelmente transtornado e corrompido, pela injustificavel e licenciosa liberdade com que os architectos de mau gosto projectaram e executaram as suas obras!

(Continúa)

J. DA C. SEQUEIRA.

HYGIENE

CONSIDERAÇÕES GERAES Á CERCA DOS BANHOS PUBLICOS EM PORTUGAL

PELO SÓCIO FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA

É muito para sentir, que a industria particular do paiz não tenha querido, ou para melhor dizer, não tenha podido emprehender um estabelecimento de banhos publicos em todos os generos, (sendo possivel), ou pelo menos de agua commum.

As causas, que a isso se tem opposto, julgo serem muitas! como penso, que devem ser de grande força! por isso, que tem obstado á realisacão de um melhoramento hygienico, geralmente reconhecida a sua utilidade antiga, e modernamente scientifica, e praticamente, e o que é mais ainda, adoptado sem excepção por todos os povos ainda os menos civilizados do mundo, impellidos pelo instincto natural, ou pelo desenvolvimento da civilisação n'aquelles onde essa grande propaganda do genio do homem tem crescido.

Os estabelecimentos de banhos publicos, tem-se fundado, cres-

cido, e desenvolvido em todos os paizes, na razão directa do augmento da sua civilisação, sciência e illustração.

Em presença portanto dos factos, que justificam a excellencia de um objecto, que nem os animaes irracionais desconhecem, como se poderão explicar as causas que tem obstado em Portugal, á fundação, mas não direi de muitos pelo menos de alguns estabelecimentos de tal ordem? Pela minha parte, por mais que tenha estudado o objecto, não tenho podido encontrar explicação séria e razoavel, que me elucidasse, e convencesse de que havia causas, e que essas causas eram justas.

Nunca me pude convencer, que no paiz havia repugnancia ao uso dos banhos por prazer, e aceio, no estado de saude; porque, observando a concorrência, que na estação propria tem os banhos do mar, obtia a prova do contrario.

Não é de certo por aceio, que os banhos do mar são frequentados, e muito menos se póde julgar, que tal concorrência seja originada por padecimentos, que vão procurar cura por aquelle modo; por que n'esse caso, tínhamos de julgar Portugal uma nação de enfermos.

Pareceu-me claro, e razoavel, que não sendo por aceio, nem por medicamento, que se procura tão abundantemente aquelle meio de banho, que será logico julgar, que é por prazer, e mesmo por supposta economia, que elle se uza tão extensamente.

Em reforço de taes considerações, e em abono do bom gosto, e aceio das nossas compatriotas, e patricios, accresce que sendo incommodo quanto é possivel, o unico estabelecimento mais regular, ¹ que de tal genero ha no paiz, assim mesmo é frequentado! —por homens—já se vê; por que as senhoras affasta-as d'ali, a falta de reunião, convivência, e exposição da elegancia dos seus vestuarios, uzados antes, e depois do banho, circumstancias pelas quaes supportam com resignação a falta de elegancia, e de illusões, que lhe resulta do *toilette* repugnante uzado durante o banho, que debalde se tem esforçado para modificar e melhorar. A collocação do estabelecimento em um edeficio, cujo fim, e circumstancias dispertam na imaginação considerações, e impressões tão desagradaveis quanto tristes, e outro motivo, que ausenta d'ali justamente o bello sexo, e sem elle? não era muito de esperar que o estabelecimento fosse concorrido, pois assim mesmo é!

A distancia, e posição do estabelecimento, que promette irremediavelmente um banho de suor antes do banho de prazer, e hygienico, é tambem um grande inconveniente para os homens ali affluirem, mesmo depois de vencido tambem o desgosto, que lhe póde causar a collocação a monotonia e elevado custo.

Relativamente a outro estabelecimento, que póde ser considerado *medicinal*, e que por isso não poderia servir para demonstrar falta, ou abundancia de concorrência, dão-se tambem com elle os mesmos motivos de monotonia, e prosaica concorrência, o que faz conceber aos frequentadores a idéa, que as pessoas que os virem para ali entrar, hão de julgar que vão impellidos por immundice, ou padecimento, e não por prazer, hygiene, e deleite como deve ser. Essas circumstancias, seriam sem duvida motivos para afastamento em geral se não acrescesse tambem, a elevação do preço, que está longe de convidar muito, e a todos, a gozar um prazer tão monotónico, e tão caro, pois assim mesmo, se conserva ha tempo!

Havia um terceiro local, que julgo nem de estabelecimento merecia o nome, em que se tomavam banhos em umas *cafúas* repugnantes, immundas, e escuras, a ponto de serem necessarias luzes todo o dia, não havia ali commodidades, nem conforto nem aceio; repugnava a entrada, era insipida a persistência, demorada a saída, mesquinha a recepção, e só elevado o preço, não obstante era frequentado todo o dia, e noite, e ainda hoje existiria, se circumstancias estranhas, o não tivessem obrigado a fechar.

O resultado de taes observações, e a experiencia geral em todos os paizes, que a sciência, e o bom senso abona e justifica, tem sido sempre as razões que me tem obrigado a julgar, que não ha

¹ Refiro-me ao existente no hospital dos alienados, que achando-se em boas circumstancias relativamente ao seu fim, está longe de satisfazer as exigencias de um estabelecimento geral de banhos publicos, como se exige.

causas justas, que ha só inacção, e falta de iniciativa, junta á falta de auxilio, e de boa vontade por parte de quem devia animar, e proteger como fosse possivel aquelle objecto.

Tem sido sempre para mim uma idéa fixa, e sem contradicção, que seria em Portugal como em todos os paizes, numerosa a concorrência, logo que os estabelecimentos aqui estivessem nas mesmas circumstancias, que estão em toda a parte, isto é, baratos os banhos a ponto de estarem ao alcance de todos relativamente, e depois confortaveis, elegantes, e aprasiveis, tanto em localidade como em convivência dignamente policiada, em attenção ás praxes da boa sociedade, e civilisação.

Firme n'estes principios dei-me ao estudo do objecto, e procurei saber a natureza dos diversos banhos, a sua applicação, utilidade, historia, manipulação, e custo.

O estudo era difficil, se não quasi impossivel para mim, que tinha de recorrer aos auctores competentes, e combinar e entender sciencias, que me eram quasi totalmente estranhas, tanto na sua essencia como na linguagem relativa.

Taes inconvenientes, que um só seria bastante para atemorizar a vontade mais robusta, não foram bastantes para me afastar do meu proposito, firme no inegavel principio, de *crer e poder*, e se não consegui formar um trabalho completo em todas as suas exigencias, consegui pelo menos confirmar-me ainda mais nas minhas crenças, e idéas.

O resultado do meu trabalho, compulsando, e investigando tantos e tão variados escriptos, (tanto quantos eram competentes, e respeitaveis os seus auctores), *foi formar uma resenha* de todas as especialidades a que me propuz, com referencia a um estabelecimento geral de banhos, isto é, medicinaes, hygienicos, de prazer, e de aceio.

Não é para este logar mencionar, e relatar circumstancias que são estranhas á indole, e fim do *Archivo Artistico*, e por isso só tratarei da excellencia do objecto, em relação á hygiene publica, e os bons resultados obtidos, pelo uso geral dos banhos simples em todas as temperaturas, denominados de agua commum.

Direi tambem alguma cousa ácerca das considerações chemicas, que dizem respeito ao objecto, tratando-se de banhos medicinaes, em harmonia com os principios estabelecidos por mr. *Girardin, Payan, Pelousi & Fremi Boubierre, Bouchardat e outros auctores chemicos*.

Finalmente direi tudo, quanto me parecer que illucida o objecto, que guia a sua exploração, e que anima a fundação dos estabelecimentos d'aquelle genero, tanto em favor, e desenvolvimento das artes relativas, como em beneficio da saude publica, de resultados de civilisação, e economia que d'elles póde resultar.

(Continúa).

F. J. ALMEIDA.

ESTHETICA

Os philosophos que têm escripto ácerca da *esthetica* (sciencia que é a parte da philosophia que trata da arte em geral), fazem distincção, dizendo que a *industria tem por principio o util*, e a *arte por principio o bello*. O que é, porém, o util? e o que é o bello? São, dizem, as *idéas primitivas*.

O bello foi admiravelmente definido por Platão. Disse elle: *o bello é o esplendor da verdade*; e santo Agostinho acrescentou: *e o brilho da bondade*. Concordámos com isso; mas não basta unicamente o brilho, é mister o fogo vivificador; e mais alguma cousa tambem, que não é facil de expressar.

Para o sceptico Goethe o bello estava na *expressão*. Hirt distinguia-o no que elle chamava o *caracteristico*.

Conforme Schillin, o bello é o infinito representado no perfeito; a arte seria, n'este caso, a representação das idéas, como revelação de Deus transmittida ao espirito humano.

Os sentidos recebem simultaneamente a impressão do bello e do

feito sensíveis, como a alma recebe ao mesmo tempo a impressão do bem e do mal.

O bello seria para o artista como a perfeição espiritual, não relativa ao philosopho, mas propria do santo, isto é, o termo que se afasta á medida que se nos figura aproximarmos mais d'elle, mas para o qual somos irresistivelmente attrahidos como por um poder sobrenatural.

A arte é, portanto, distincta entre a sciencia e a industria.

O homem com a industria, por mais maravilhosa que seja, dirige apenas a força viva que existe fóra de si; com a arte que é a expressão da propria existencia, communica-se aos outros homens, e faz constantes esforços para se eternisar.

Está demonstrado que uma obra d'arte não pôde ser executada simplesmente com os recursos da mechanica. A arte comprehende a intelligencia, é certo; mas não pôde unicamente ser representada pela sciencia reflectida e positiva.

A existencia da arte, tomada no sentido abstracto, é mais real que a da natureza, e por isso mesmo mais occulta á sciencia, e manifesta-se tão sómente ao mais fino e apurado sentimento.

O bello não pôde ser comprehendido pelo raciocinio, que apenas distingue uma parte d'elle; e restringe-se por isso ao exclusivo e ao hypothetico. A sensação do bello é, pelo contrario, de sua natureza infinita e independente.

Se o unico principio da arte fosse a imitação, o seu intuitu supremo, seria então a illusão completa dos sentidos, o que não é verdade applicando-se até á pintura. O ponto a que se deve attingir, e do qual nunca se afastaram os grandes mestres, não será por ventura empregando a illusão dos sentidos para produzir e para alimentar o encanto da imaginação?

O verdadeiro intuitu da arte é originar a especie de prazer que resulta da contemplação do bello; e a imitação, que tem o veridico por fim, é o auxiliar com que se produz esse prazer.

Depois de se haver estudado por longo tempo, e estudado bem a verdade da natureza, a realidade é que o artista pôde entregar-se com firmeza e confiança ás abstracções da belleza ideal, ou ás combinações do burlesco, do risivel, do extravagante e até do hediondo.

O que imitar a natureza servilmente, ou ao acaso, aqui e ali, tal como se lhe apresentar aos olhos, não passará de um talento vulgar. O verdadeiro artista é o que sabe combinar a imitação com a idéa, por modo que produza um effeito determinado e previsto.

O artista, quando trabalha, deve sempre ter presente o juizo que se fará a respeito de suas obras. Assim qualquer obra d'arte deve ser o resultado da combinação do talento do auctor com os costumes, paixões, educação e gosto do paiz e da época em que se vive. Eis a razão principal porque se diz que a arte é a expressão da sociedade, a historia e civilização de um povo.

Sendo as artes da mesma familia que a poesia, concebe-se que deve haver relação intima entre uma e as outras, e que um vinculo de similitude fraterna existirá entre as obras primas do mesmo seculo. Assim, em todos os paizes da terra vê-se cada arte realisar, sob aspecto diverso, o mesmo sentimento religioso e igual concepção na poesia. «A grandiosa escultura grega, diz mr. Ampère, tal qual se apresenta na Niobia de Florença, nas estatuas de Parthenon, é a poesia homérica em marmore. Dante desenha os seus personagens com o pincel aspero, ousado e magestoso de Miguel Angelo; Miguel Angelo pinta a fresco o Juizo final com um canto do Dante.»

De todos os systemas que se têm estabelecido como divisões naturaes da historia universal da arte, parece-nos haver só quatro que mereçam este nome e que apresentem character distincto; taes são: o systema egypcio, ao qual se ligam mais ou menos directamente a mór parte dos monumentos do antigo Oriente; o systema grego, que comprehende a antiguidade classica; o systema christão, que encerra as mais originaes, senão as mais bellas produções da arte moderna; e o systema do renascimento, que participa das duas ultimas.

J. da S.

Continúa.

CONSTRUÇÃO

PROJECTO PARA UMA CASA DE BANHOS PUBLICOS

O uso dos banhos é de remota antiguidade, como muito bem diz, o distincto socio o sr. Francisco José de Almeida, na excellente memoria que n'este jornal se publica sobre assumpto de tanta conveniencia publica. O instincto natural do homem é que sem duvida o leva a banhar-se para livrar a pelle das impuridades a que estiver exposta.

Os primeiros habitantes do globo, occupando os paizes quentes, estabeleceram o uso dos banhos; pois nas regiões onde a temperatura é mais elevada, augmenta a secreção cutanea, e augmenta portanto aquella necessidade.

São tão indispensaveis os banhos para a conservação da saude, que a maior parte das religiões antigas os tornava obrigatorios como preceito religioso. Era o preceito hygienico dos povos da antiguidade.

Os banhos, de que primeiramente se fez uso, consistiam em simples immersões em agua fria; e só depois é que se empregou a agua tepida.

Em Roma, no tempo da republica, o povo banhava-se no Tibre. Os banhos quentes serviam unicamente ali para o uso das pessoas de alta jerarchia e abastadas.

Os primeiros banhos publicos que se estabeleceram em Roma, foram devidos á iniciativa de Micena; o numero depois augmentou consideravelmente, e na sua construção houve sempre opulencia.

Vulgarizou-se muito o uso dos banhos nos tempos antigos, e nos tempos que se lhe seguiram; mas os povos do Oriente, fazendo ainda hoje grande uso dos banhos, conservam na construção dos estabelecimentos proprios quasi o plano que os romanos seguiam na edificação para elles.

Nos climas temperados, durante a idade media, em que se perderam muitos habitos proveitosos, e em que a civilização retrograda, até na limpeza do corpo houve desleixo.

No renascimento, não poudes este beneficio alcançar, todavia, consideravel desenvolvimento; conforme a pratica tão frequente e tão geralmente seguida em outros tempos, empregando os differentes banhos mornos e quentes, de estufa, seccos ou humidos, pois não poderam adquirir nunca grande acceitação; porém n'essa mesma época se experimentou notavel mudança na sociedade pela introdução da roupa branca, que, principiando a vulgarisar-se, substitue, por assim dizer, uma das principaes utilidades do banho, a de poder a roupa branca absorver a exalação cutanea.

Já são decorridos dois ou tres seculos desde que o uso dos banhos se generalizou entre os povos mais adiantados na civilização; e pôde-se dizer que tem contribuido para isso o desenvolvimento da sciencia, que demonstrou que os banhos eram utilissimos, no ponto de vista hygienico, para evitar padecimentos, e de absoluta necessidade não só para o aceio do corpo, senão tambem para agradável refrigerio do sangue; principalmente para os individuos que habitarem os paizes meridionaes, como é Portugal.

Entre nós é mais geralmente seguido banhar o corpo por moda, que por habito de aceio, e por isso as duas casas de banhos que antigamente se estabeleceram em Lisboa, a primeira do cabelleiro Andriac ao Loreto, que já ha muitos annos fechou; e em cujo edificio costuma habitar o afamado cantor Mongini; e a segunda do sr. dr. Nillo (a unica que hoje existe), pouco procuradas foram do publico; em quanto as nossas praias todos os outonos são concorridissimas de pessoas para tomarem banhos do mar; porque ali a moda exige que se appareça com ostentação n'aquelle logar publico; mas nos estabelecimentos proprios de banhos como eram as pessoas unicamente vistas pelo porteiro e pelos creados, entrando n'elles como que envergonhados (tão difficil é a extirpação dos preconceitos!) não se satisfazia a vaidade, e então aquelles estabelecimentos ficaram esquecidos, e os sacrificios de seus proprietarios menosprezados!

Com o fim de introduzir n'esta capital o uso dos banhos quentes em edificio publico, e conhecendo qual era a repugnancia que os lisbonenses mostravam para adoptar este habito novo, combinei com algumas pessoas a edificação de um estabelecimento de banhos no anno de 1835; posto que fosse em pequeno ponto, comtudo teria todas as commodidades precisas. Foi escolhido o local no antigo largo do Passeio Publico, no lado que era occupado então pelas hediondas barracas da feira da ladra; e para mais attrahir a attenção e convidar a frequencia ao novo estabelecimento, procurára fazer este edificio com certa elegancia, e contribuir pela sua perspectiva pouco vulgar a ser concorrido, mais para satisfazer a propria curiosidade examinando-o, do que com a esperança do benefico resultado no vulgo. Confiei, portanto, em que o publico se habituasse á pratica de tão salutar preceito de hygiene.

Delinieei pois para essa casa de banhos um projecto, conforme indicam as *estampas do presente numero*. Conhece-se pela legenda a distribuição da planta, bem como os dois côrtes fazem vêr o character aprasivel que se nota n'esta composição architectonica, a qual me pareceu assim convir ao fim a que me propozera, tanto para o clima em que devia ser construida, como para chamar a attenção do publico. Infelizmente por difficuldades que no nosso paiz encontram quasi sempre na execução as empresas novas, não conseguí realisar o projecto, e ainda que fosse de limitadas dimensões, era todavia o primeiro edificio n'este genero levantado em Portugal para casa de banhos; mas passados já trinta e um annos, em que tentei fazer aquelle ensaio, agora o plano seria necessariamente outro, e a construção sem a afastar do character que requer, teria sem duvida outra distribuição e devia offerecer maior desenvolvimento.

Publicando este projecto, o nosso intuito é apenas dar noticia que ha mais de um quarto de seculo um architecto portuguez tentára executar, para ser util á sua patria; pois havia concorrido para a fundação de um estabelecimento de tão reconhecida utilidade.

J. da S.

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos da associação, na sessão da assembléa geral, do segundo trimestre, celebrada no dia 3 de julho de 1864, e apresentada pelo segundo secretario da mesa da mesma assembléa geral ¹.

Na sessão de 2 de junho leu o ex.^{mo} sr. marquez de Sousa a minuta da representação que a sociedade resolveu dirigir á ex.^{ma} camara municipal de Lisboa, para lhe rogar que se sirva mandar abrir concurso publico para a escolha e approvação do projecto, segundo o qual deve ser construido o edificio dos paços do concelho; sendo esta approvada, resolveu-se tambem dirigir outra ao mesmo tempo ao governo, em a qual igualmente se ponderasse a necessidade de se adoptar o systema dos concursos, não só pelo que diz respeito a este edificio (que pôde ser considerado um monumento publico de primeira ordem); como aos outros que o estado tencionar construir, porque só assim poderão os mesmos edificios corresponder aos preceitos da arte, acreditando os governos que os mandam levantar, e o paiz que contribue com os gastos para essas edificações.

N'esta mesma sessão o sr. presidente dirigiu a seguinte pergunta á assembléa: *Os artistas que compõem a nossa associação, fazendo um projecto destinado a apparecer n'um concurso publico, e sendo ali approvado o dito projecto, poder-se-ia dispor do premio para alguma applicação de reconhecida utilidade publica?* Sendo unanime e affirmativa a resposta, propoz então o mesmo sr. presidente; que os artistas da nossa associação fizessem um projecto para o monumento que se pretende consagrar á memoria de S. M. I. o sr. D. Pedro IV, e para o qual se acha aberto um concurso, e que no caso d'este projecto obter algum dos premios promettidos no programma, fosse esse premio destinado á adjudicação de premios para os estudantes de architectura da academia real de bellas artes de Lis-

boa e Porto, que mais se distinguirem e adiantarem nos conhecimentos da arte tendo sido legalmente comprovados. Esta proposta foi geralmente approvada; decidindo-se que se executasse o projecto de commum accordo entre os socios artistas. O ill.^{mo} sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro, que cultiva com distincção a arte de esculptura, offereceu-se para modelar o que fosse preciso para adornar o projecto. Este offerecimento foi geralmente acolhido e aceito, determinando-se que d'elle se fizesse honrosa menção na acta.

O sr. presidente pediu a leitura de uma carta que lhe dirigiu o membro do instituto mr. Victor Baltard, vice-presidente da sociedade central dos architectos parisienses, delarando que tinha enviado varios documentos relativos á organização e reforma da escola imperial das bellas artes, para conhecimento da nossa associação.

Na sessão de 16 de junho tratou-se de objectos economicos, e além d'estes de uma proposta do sr. presidente para se abrir um concurso entre os noveis artistas que estudam architectura civil, que havia sido apresentado na primeira sessão da assembléa geral: para se delinarem projectos de construcções ruraes, estabelecendo-se tres premios pecuniarios para os tres concorrentes que mais se distinguirem pelos desenhos que apresentarem: estes premios são estabelecidos com o fim de animar os artistas a progredirem na carreira que encetaram, e para promover a emulação, grande força que opera tão poderosamente no desenvolvimento social. Antes que se abra este concurso, ha de ser formulado um programma, para o que já se acha nomeada uma commissão composta dos srs. presidente da sociedade, e 1.^o e 2.^o secretarios da mesma.

Foi tambem apresentada n'esta sessão a proposta para a admissão do ill.^{mo} sr. Francisco de Assis Rodrigues, director da real academia das bellas artes de Lisboa e professor de esculptura.

Depois passaram a trabalhar as secções, em diferentes objectos que se acham pendentes da sua apreciação.

A secção de hygiene tratou da proposta do sr. presidente, sobre a melhor fôrma de ventilação nos nossos theatros, mas não tem podido continuar n'este trabalho por se lhe fazer preciso os côrtes dos mesmos theatros, pelo menos de S. Carlos, D. Maria II, e Gymnasio. É para lamentar que nas repartições competentes do estado não existam os desenhos d'estes, e de muitos outros edificios, e que na hora precisa de os consultar, sejam necessarios incommodos e fadigas, bem como despesas avultadas para se obterem os desenhos: para obviar a estes inconvenientes tive eu a honra de fazer uma proposta, que a associação aceitou, mas ainda não se pode realisar.

A proposta do sr. presidente sobre a ventilação dos theatros, torna-se urgente por um pedido feito pelo nosso socio o sr. Feliciano de Sousa Correia, por causa da ventilação que se pretende dar ao theatro de D. Maria II, e é do maior empenho da commissão e da sociedade tratar de resolver este ponto de tanta difficuldade e interesse, como de utilidade publica.

Na sessão de 27 de junho finalmente, apresentou o sr. presidente os pareceres das secções sobre a admissão do nosso socio o ill.^{mo} sr. Francisco de Assis Rodrigues, dignissimo director da academia real das bellas artes, e professor de esculptura da mesma academia; as quaes secções unanimemente approvam a admissão do referido sr. Assis. O mesmo sr. presidente deu á associação muito satisfatorias noticias do estado em que se acha a nossa pretensão a respeito da aquisição do edificio gothico da igreja do Carmo, e disse, que esperava em breve poder annunciar a decisão favoravel de tal pretensão.

Passou-se depois á eleição do cargo de vice-presidente, e corrido o escrutinio ficou eleito por maioria o ex.^{mo} sr. conselheiro João Maria Feijó.

O sr. presidente fez saber á associação que havia recebido uma carta de Vianna d'Austria, da qual apresentou o original em allemão, e a traducção, dirigida pelo director da associação dos engenheiros e architectos d'aquella nação, mr. A. Strecher, estabelecendo relações amigaveis entre a associação dos architectos austriacos e a nossa.

Devo dizer-vos que o mesmo sr. presidente deu-nos parte do resultado dos estudos dos 47 alumnos que frequentam as prelecções de stereotomia, que se prestou a dar n'esta associação aos

¹ Continuado do n.º 3, col. 44.

aprendizes de diferentes officios; sendo a applicação d'estes estudantes, pelo seu adiantamento e preveito de alguns se persistirem de frequentar, digno de maior louvor, e será fructuoso para o nosso paiz.

A instrucção bem dirigida para as classes operarias, ha de trazer á nação augmento de prosperidade e de realce ao nome portuguez; não menos gratos á patria como foram os feitos alcançados por Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, D. João de Castro, Nuno Alvares Pereira e outros.—Disse.

PAULO JOSÉ FERREIRA DA COSTA
2.º secretario da associação.

BOLETIM DO TRIMESTRE

(JANEIRO A MARÇO, 1866)

A SESSÃO SOLEMNE de 22 de janeiro para commemorar o anniversario da associação dos architectos civis, verificou-se com todo o esplendor. O nosso collega o sr. J. da C. Sequeira, primeiro secretario, leu o relatorio bem redigido e que dava idéa geral dos trabalhos, e do desenvolvimento que tem tido a nossa associação, assim como dos honrosos e lisongeiros testemunhos de consideração que recebemos da familia real, dos conselheiros da corôa e outras auctoridades, corporações e individuos. O socio o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos leu o elogio historico do nosso fallecido collega, J. da C. Lima, e M. J. Carneiro ambos professores da academia das bellas artes portuenses, e o primeiro seu director. Este trabalho escripto com o estylo elevado e superior talento que possui tão esclarecido escriptor, foi recebido com grande applauso pela assembleia geral. O nosso prestante socio, o sr. Francisco José de Almeida tambem leu a biographia, extraída do allemão, do grande artista Stüler, architecto de S. M. el-rei da Prussia e seu conselheiro. Este artista alcançou grande fama não só pela sua instrucção, se não pela variedade, numero e belleza de suas edificações, que executou na Prussia. Na mesma occasião se inauguraram os retratos d'estes benemeritos socios, prestando-se assim igual homenagem de nossa admiração e do nosso respeito pelos artistas, a que já haviamos prestado, na associação dos architectos civis portuguezes, a Ludovici e a José da Costa e Silva.

FOICONCEDIDA A MEDALHA DE OIRO DE PRIMEIRA CLASSE á nossa associação, pelo jury da exposição internacional portuense; e funda-se este premio nos serviços que prestamos ao paiz, já com as preleções da arte monumental dos antigos povos, apresentando-se os modelos das differentes architecturas, alguns dos quaes figuraram na referida exposição, pertencentes ao socio fundador J. P. N. da Silva; já com a publicação d'este jornal illustrado com desenhos ineditos dos principaes edificios de Portugal; e já pela fundação do museu de archeologia no monumento gothico do largo do Carmo. Servindo pois estas diversas razões de fundamento para tão honrosa recompensa,

deve a nossa associação redobrar os esforços para continuar a merecer o favoravel conceito que já adquiria por seus trabalhos, e havendo os nossos collegas mostrado ao paiz quanto presam a nobre arte de architectura, e quaes tem sido os testemunhos de consideração que recebemos das mais illustradas associações de architectos assim da Europa, como da America, é rigoroso dever nosso manter illesa tão boa fama.

OFFERECEU O EX.^{mo} SOCIO, o sr. conde de Penafiel, para o museu archeologico, uma campã com escudo d'armas, pertencente á illustre familia dos Montaroyos. Parece que este brasão fôra em outro tempo divisa de um cavalleiro que privára com el-rei D. João I.

É o ex.^{mo} conde de Penafiel um socio que muito preza a archeologia; e um portuguez que tem alta veneração pelas nossas antiguidades.

RECEBEU O MINISTRO DA PRUSSIA, n'esta côrte, o ex.^{mo} conde de Brandemburgo, do seu governo os desenhos e o retrato do nosso fallecido socio honorario e correspondente, o insigne architecto conselheiro Stüler, para serem entregues ao presidente da associação dos architectos civis portuguezes. Acompanhava a remessa um officio do illustre diplomata redigido em termos mui lisongeiros e cortezes.

O MUSEU ARCHEOLOGICO, da nossa associação, já conta objectos importantes, tanto pelo seu merecimento artistico como pela antiguidade e recordação historica; e não só o governo portuguez, mas tambem os particulares amadores de taes preciosidades, tem contribuido para o seu augmento. O nosso museu já hoje possui objectos archeologicos no valor de quarenta contos de réis.

O MINISTRO DE AUSTRIA, o ex.^{mo} barão de Lebreiten, offciou ao presidente da associação participando-lhe, que recebera instrucções do seu governo para se effectuar a troca das photographias dos objectos archeologicos, entre os museus de Grastez e dos architectos civis portuguezes.

Receberam-se iguaes communicações dos esclarecidos directores dos museus de Vienna d'Austria e da Hollanda.

ERRATAS IMPORTANTES. — Na linha vigesima quarta da primeira columna da terceira pagina, onde se lê = fechando = leia-se fechado.

Na vigesima quarta e igualmente na ultima linha da segunda columna da quinta pagina, onde se lê = caixotes = leia-se = caixotões.

Na primeira columna da sexta pagina, linha quadregesima sexta onde se lê = jazeram = leia-se = já eram.

Na primeira columna da ultima pagina, linha decima segunda, onde se lê = 492 = leia-se = 1492.

Na mesma pagina, linha sexta da explicação da estampa, onde se lê = um grande vestibulo circular = leia-se = um grande vestibulo quadrado. — Na mesma linha, onde se lê = uma abobeda de difficil construção = leia-se = uma abobeda espherica de difficil construção.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

PROJECTO PARA UMA CASA DE BANHOS EM LISBOA DELINEADO PELO ARCHITECTO J. P. N. DA SILVA

A estampa 5.^a representa a planta geral da CAZA DE BANHOS, para a qual se entra pelo vestibulo A, tendo este nos seus dois lados a casa para a venda dos bilhetes; aquella que está do lado direito B, é dos bilhetes para as senhoras; e da esquerda pertence aos bilhetes dos homens. Segue-se um atrio D, ornado de columnas, o qual dá communicação a todo o edificio por quatro galerias E, E, E, E, havendo duas de cada lado, as quaes seriam fechadas tendo portas com espelhos. No fundo d'este átrio, está uma sala F, para servir de sala de leitura, em quanto se espera que o banho esteja preparado.

As galerias, do lado para as senhoras, communicam aos quartos dos banhos G, G, G, G; entre estas duas galerias ha um espaço H, H, tendo no centro um lago quadrangular ornado de estatuas; é limitado o fundo d'este espaço com uma exedra I, I, ou parte cylindrica coberta, ha assentos na sua semi-circumferencia para descansar as pessoas antes de entrarem para o banho. Do lado opposto e presenta a mesma distribuição.

No fundo do terreno e occupando a parte central do edificio, está collocada a casa para o serviço dos banhos; a casa J, serve para aquecer agua; a casa K, é destinada para lavar a roupa que serviu nos banhos; as cazas L, L, para se guardar a mesma roupa; os quartos M, M, são para o administrador; ficando no andar inferior as cozinhas e suas dependencias; em quanto o ultimo andar é para accommodação dos creados.

Uma escada externa N, N, é destinada para serviço particular do estabelecimento, e por baixo serve de deposito do combustivel. Rodêa todo o edificio um espaço ajardinado para se passear, o qual está ornado de estatuas, assentos e arbustos. Uma gradaria fecha o estabelecimento na parte central e recta, havendo porém na parte curvelina um muro dividido por pilastras, que veda o devassar-se o interior do edificio.

A estampa 6.^a, indica os DOIS CORTES; o primeiro representa o corte transversal, fazendo ver o vestibulo de entrada, e no lado opposto a sala de leitura; assim como as duas galerias lateraes que conduzem aos quartos dos banhos; e no seu centro apparece a fôrma da exedra.

O outro CORTE é no sentido longitudinal, mostra no centro o átrio com as galerias que o circundam, vendo-se tambem os jardins que estão entre as galerias lateraes, as quaes conduzem aos quartos dos banhos, que ficam situados nos dois extremos do edificio; bem como mostra a collocação da banheira, e o modo de receber no quarto a claridade e dar saída ao vapor da agua quente.

PLANTA GERAL DA CAZA DE BANHOS

N.º 4.

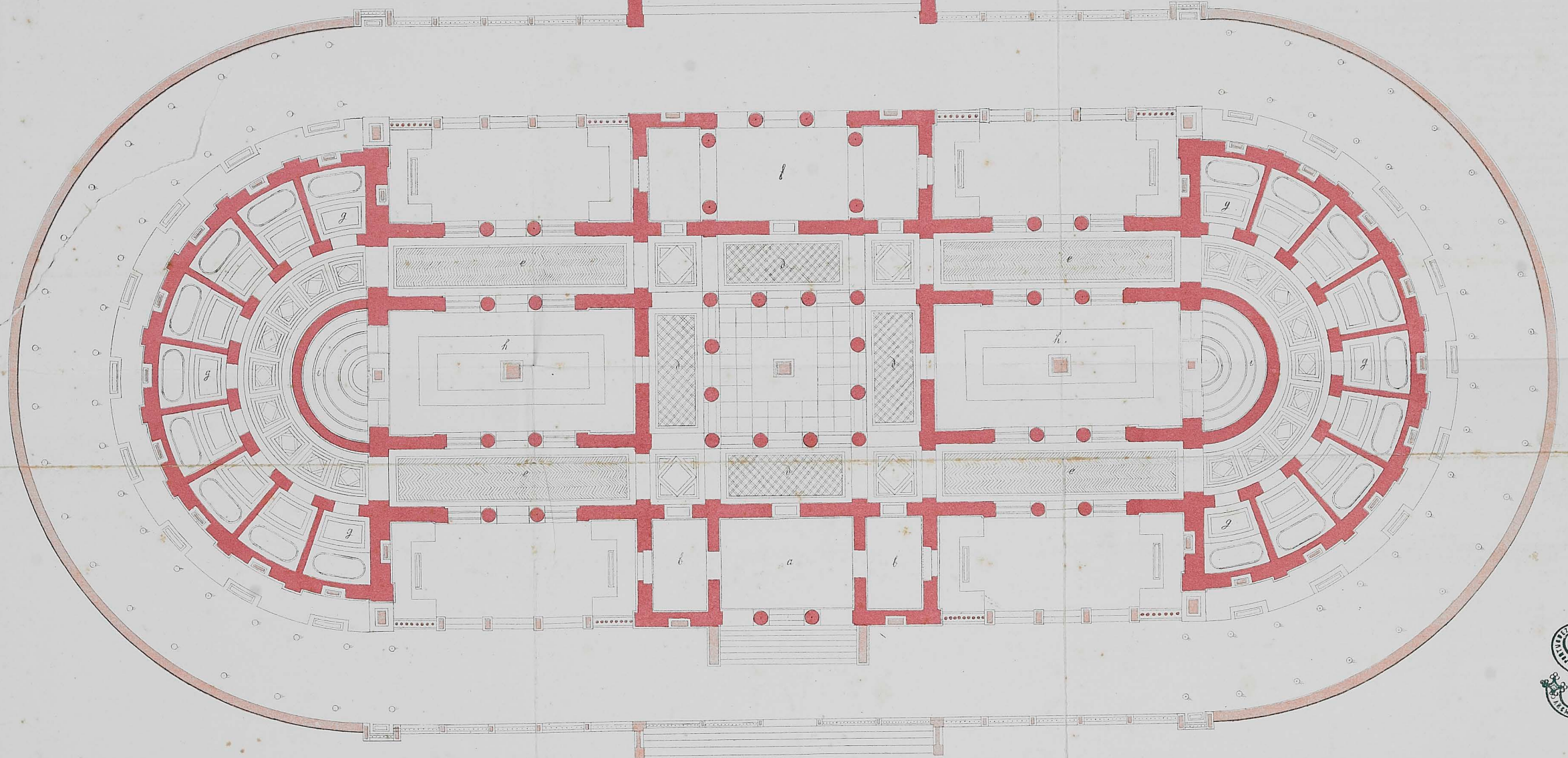
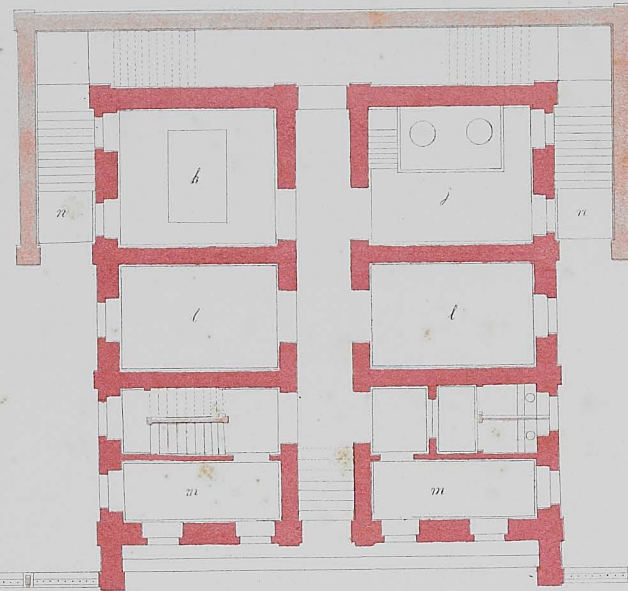
PROJECTADA PARA SER CONSTRUIDA EM LISBOA EM 1855

Legenda

- a. Vestibulo
- bb. Venda dos bilhetes para os banhos
- d. Alvar
- ee. Quatro galerias
- f. Sala para leitura
- gg. Quartos dos banhos
- hh. Lago cercado de flores
- ii. Cozinha para discurrir antes de entrar para o banho
- j. Cozinha onde se aquece a agua para os banhos
- kk. Room para lavar a roupa que servir nos banhos
- ll. Room para se guardar a roupa de banho
- mm. Quartos para o administrador
- nn. Cozinha e sala para o serviço do estabelecimento

Provenç.

- a. Vestibule
- bb. Bureau pour les billets
- d. Portique
- ee. Quatre galeries
- f. Salle pour la lecture
- gg. Les chambres des bains
- hh. Parc d'eau entourée de fleurs
- ii. Cuisine pour réchauffer l'eau
- j. Room pour blanchissage du linge
- kk. Room pour garder le linge
- ll. Chambres pour le Directeur
- mm. Salles extérieures pour le service de l'établissement



Metres

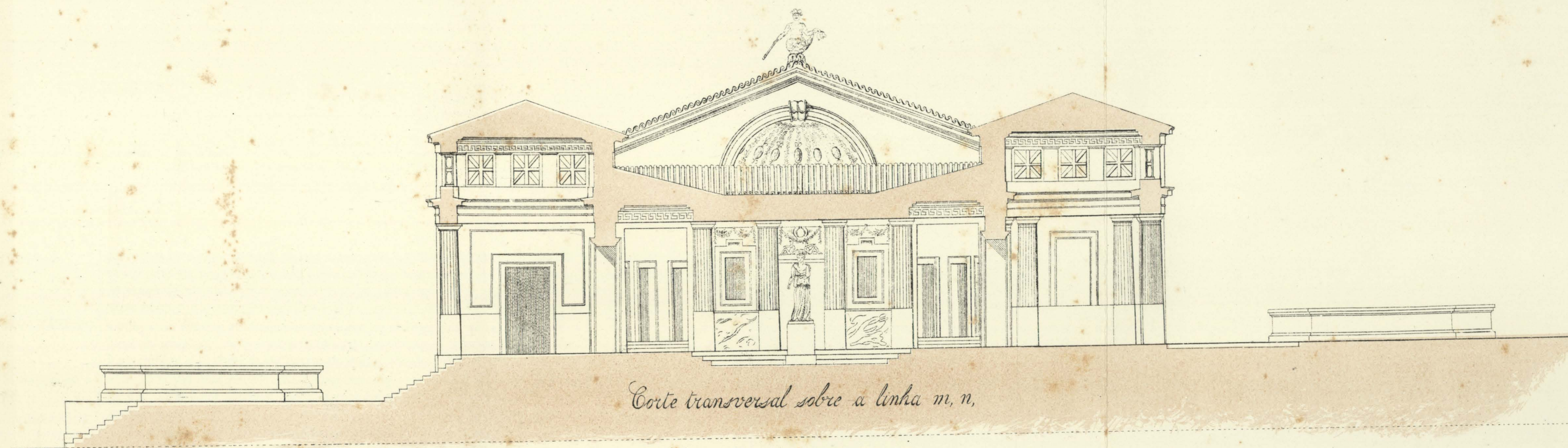
Desenhado pelo Architecto J. P. N. da Silva.



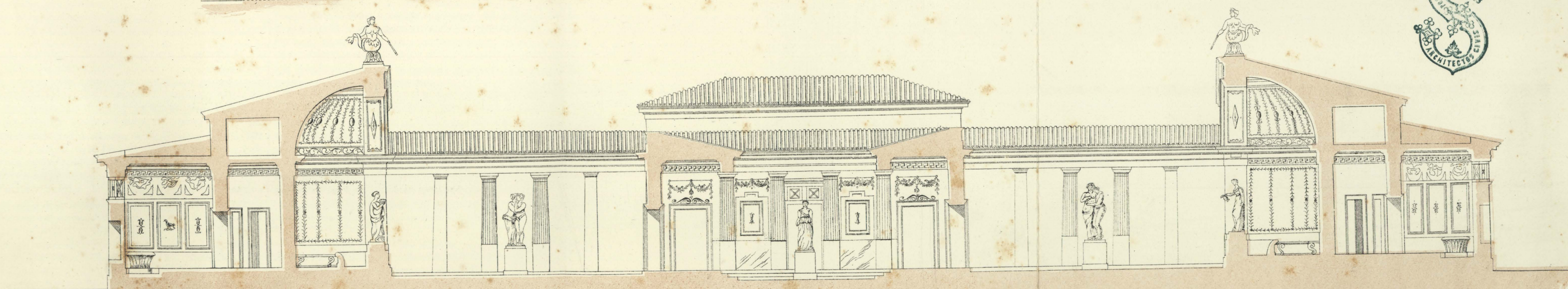
CAZA DE BANHOS PUBLICOS

PROJECTO QUE SE DEVE EXECUTAR EM LISBOA NO LARGO DO PASSEIO PUBLICO EM 1855.

Deliniado pelo Architecto J. P. N. da Silva.



Corte transversal sobre a linha m. n.



Corte longitudinal sobre a linha p. q.

